

O epistolário de Pedro Nava: entre práticas de escrita e de oralidade

The correspondence of Pedro Nava: between practices of writing and orality

Maria de Fátima Fontes Piazza
UFSC
md.piazza@uol.com.br

Greyce Kely Piovesan
Doutoranda, PPGH-UFSC
greycek2002@yahoo.com.br

Resumo: A comunicação tem como objetivo estudar no epistolário do médico e memorialista Pedro da Silva Nava (1903-1984) depositado no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa, um conjunto de missivistas-leitoras que se tornaram correspondentes contumazes a partir da leitura da obra memorialística do escritor. Essas missivas compõem um *corpus* documental em que é possível aferir a recepção dos livros de memórias, nos quais as missivistas criaram uma identificação com as personagens (reais ou imaginárias) da obra de Nava. Nesse jogo de espelhos, seguimos os fios e os rastros das missivistas-leitoras e vimos que a escrita de si (cartas, memórias, diários, relatos autobiográficos) transmite as leitoras uma impressão de verdade, o que permite que as suas vidas sejam relatadas ao memorialista.

Palavras-Chaves: práticas de escrita e leitura; epistolário; memórias; Pedro Nava.

Abstract: This communication aims to study the correspondence of the doctor and memoirist Pedro da Silva Nava (1903-1984) deposited in the Archive-Museum of Brazilian Literature (Casa de Rui Barbosa Foundation), a set of letter writers-readers who have become hardened correspondents from reading memoirs of the writer's work. These letters compose an amount of documents in which it is possible to measure the reaction of these memoirs, in which the letter writers have created identification with the characters (real or imagined) of Nava's work. In this game of mirrors, we go after the edges and traces of the letter of writers-readers and see the writing itself (letters, memoirs, diaries, and autobiographical accounts) conveys an impression of the readers actually allowing their lives to be reported to memoirist. Keywords: practices of writing and reading, correspondence, memoirs, Pedro Nava.

O epistolário do médico, memorialista, poeta, artista gráfico e plástico e modernista mineiro Pedro da Silva Nava (1903-1984) depositado no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB/FCRB), cujo inventário foi organizado por Eliane Vasconcellos (2001) e publicado pela editora da própria Fundação, aponta para algumas singularidades como a prática de uma “cultura epistolar” – expressão cunhada por Greyce Kely Piovesan (2009, p.84-85) – para designar a troca epistolar entre Nava e alguns

intelectuais mineiros residentes no Rio de Janeiro, que mantinham o hábito de mandar cartas por mensageiros mesmo após um encontro ou uma conversa por telefone. Neste conjunto de cartas selecionadas e guardadas pelo próprio Nava¹ estão diversas missivas de leitores e leitoras de suas memórias, com destaque para as mulheres-missivistas que lhe devotaram uma grande admiração e não pouparam esforços para contar as suas vidas, suas leituras, seus afetos e desafetos, confidências, enfim, suas pequenas memórias.

Convém ressaltar que os livros de Pedro Nava são desconhecidos da atual geração que vive da leitura de *best sellers* e da propaganda massiva da série de Harry Porter. A obra memorialística de Nava é muito rica e densa, além de volumosa com mais de trezentas páginas, bem diferente dos autores contemporâneos que estão em evidência ou que figuram nas listas dos mais vendidos. Além do conteúdo das suas memórias se aproximar muito do estilo *proustiano* de *À la recherche du temps perdu*, muito rica em detalhes, com análises profundas da vida social, política, cultural e mundana de um outro tempo, que não o nosso e isso não tem interessado às novas gerações virtuais.

Porém nos anos 70 e 80 do século passado as memórias de Nava estavam entre os mais vendidos nas livrarias de todo o país. O arquivo do memorialista nos mostra isso: há um grande acervo de cartas enviadas por leitores/leitoras tratando da obra de Pedro Nava. Essas vozes das leitoras que mantiveram relações aparentemente tão distantes com o seu remetente instigaram nossa vontade de ouvi-las melhor. É o que essa comunicação se propõe a fazer, dar voz as palavras das leitoras-remetentes, em especial uma que expressou sua admiração com palavras que emocionaram o escritor e também a nós, leitoras-pesquisadoras.

É do universo das missivas dessas leitoras que estabeleceram relações de afeto com o escritor mineiro após a leitura dos volumes de memória que nos permitem mostrar um pouco da relação entre a oralidade e a escrita. Essas missivistas-leitoras tiveram uma relação epistolar com seu escritor predileto, relacionando o vivido com o lido, numa trama de experiência receptiva da obra memorialística. Leitoras que apesar de seguirem o código epistolar de caráter mais formal, acabaram por se destacar durante nossa leitura justamente por não seguirem as formalidades ao se dirigir a um grande escritor, usando de recursos da oralidade para se expressar mesmo num suporte geralmente tão formal como a carta. Assim,

¹ O arquivo pessoal de Pedro Nava foi iniciado pelo próprio memorialista ainda em vida e nos permite vislumbrar uma “vontade de guardar” de tornar público o privado, mostrando a história pessoal dentro do contexto geral em que o sujeito se inseriu. Assim, a organização de um arquivo pessoal “acentua a individualidade do titular, redefinindo o seu lugar particular na pluralidade dos acontecimentos históricos”. (VIANNA, et alii, 1986; VENÂNCIO, 2003, p. 19).

estas epístolas tornaram-se, segundo nossa leitura, testemunhos escritos, porém, permeados pela oralidade, eivados pela emoção do “calor da hora”, logo após a leitura dos livros, servindo como fonte para estudarmos a recepção dessas obras.

O estudo das correspondências é um grande desafio para o historiador que tem a tendência de se debruçar sobre séries completas de documentos, entretanto, a grande cilada metodológica está no conjunto epistolar que é sempre fragmentado. Daí a proposta de Vincent Kaufmann (1990) em “equivoco epistolar”, que é a de dispor de um *corpus* epistolar suficiente, que pode ser entendido de dois modos: “as correspondências apresentam um *corpus* documental ao mesmo tempo superabundante e sempre lacunar” e “a correspondência é lacunar na medida em que compõe um longo texto fragmentado, podendo ainda ocorrer a situação de algumas peças não terem sido preservadas”.

Também, as missivas não acompanham a trajetória de vida de seu destinatário ou de seu remetente e, geralmente, não formam um *corpus* documental completo, porque o destino das correspondências nem sempre é nobre: muitas se perdem com o passar dos anos, outras são rasgadas ou queimadas ou ficam à margem dos mausoléus epistolares. Para isso, o pesquisador precisa ordená-las de forma cronológica ou temática, fazendo com que estas migalhas, estes fios, estes rastros, estes fragmentos históricos possam produzir algum sentido e responder a algumas questões.

Michel Trebistch (1992) em *Correspondances d' intellectuels*, coloca que as cartas podem ser estudadas como um gênero literário, correspondendo a um duplo *status*, de fonte e objeto de pesquisa e, através delas, os pesquisadores podem analisar as relações sociais dominadas pela escrita e pela oralidade. Acreditamos que as missivas também possam servir como um suporte peculiar para analisar as sociabilidades estabelecidas entre o autor e o leitor da obra, pois são raras as fontes escritas que trazem as ações permeadas pela imaginação e pela subjetividade dos sujeitos-leitores. As cartas são capazes de apresentar um testemunho registrado no momento da leitura ou logo depois dela, dando ao pesquisador a oportunidade de visualizar o relato sem depender apenas dos depoimentos orais apoiados na memória dos leitores.

À medida que os livros de memórias de Pedro Nava foram sendo publicados, como *Bau de Ossos* (1972), *Balão Cativo* (1973), *Chão de Ferro* (1976), *Beira-Mar* (1978), *Galo das Trevas* (1981) e *O Círio Perfeito* (1983), aumentou a sua exposição pública com grande visibilidade, com entrevistas nos jornais de grande circulação e nos canais de televisão, como

no Canal Livre, Rede Globo, TVE, entre outros veículos de comunicação, além de seus livros serem objeto de resenhas, de crítica literária e de artigos de periódicos (revistas e jornais). A partir daí, começam a aparecer no conjunto epistolar, missivistas que se identificaram com os lugares, com as personagens, com a história de vida de Pedro Nava e passaram a ser suas correspondentes contumazes, diríamos até confidentes. Alguns exemplos são significativos, como:

Escrevo-lhe, primeiro, para agradecer os deliciosos momentos que usufruí lendo os seus cinco livros, impulsionada pelo interesse que me despertaram. Fui atraída pela sua figura simpática, vista em alguns programas do Canal Livre. Depois, senti uma série de afinidades com sua história, e eis-me aqui, pela primeira vez na vida, tomando a liberdade de me comunicar com um Autor! (...) Pela descrição que o senhor fez deste professor, pude imaginar a fidelidade das descrições dos demais “personagens” de seus livros, pois é o retrato de dois tios do meu marido, Gabriel e José, residentes em São Paulo.²

Desse excerto de carta, podemos discutir duas questões que a leitura dessa missiva revelou. Primeiramente, a identificação da autora com as descrições do memorialista e a forma coloquial como a autora da missiva se expressou, tal como, numa conversa informal que beira a oralidade. Daí os estudos sobre cartas destacarem as correspondências como um gênero híbrido entre a escrita e a oralidade, o que se percebe quando a autora apresenta as suas credenciais, como a sua vida familiar e profissional: “Eu sou Promotora Pública, e exerci o cargo em Mirassol, Rio Preto e Monte Aprazível, outro ponto de identificação consigo”, isto porque, Pedro Nava atuou como médico em Monte Aprazível, no interior de São Paulo entre 1931 a 1933. “Hoje moro em Cotia, perto de São Paulo e trabalho dando pareceres junto ao Tribunal de Justiça. Tenho duas filhas, uma de seis e outra de quase três anos”. E, destaca a proximidade com o memorialista: “Conto-lhe isso porque o senhor se tornou uma “pessoa da família”, aqui em casa, pois durante a leitura de seus livros, meu marido e eu nos divertíamos com seus “causos” e por várias vezes eu ri, sorri, me emocionei e chorei com a sua história”.

A segunda questão mostra que, a descrição da missivista converge para o que Chartier (2007, p.264) colocou sobre a leitura do romance, “arrebata o seu leitor, captura-o, governa seus pensamentos e suas condutas. Ele é lido e relido, conhecido, citado e recitado. Seu leitor é invadido por um texto que o habita e, ao se identificar com os heróis da história, é sua

² Carta de Isabela Gama de Magalhães Gomes para Pedro Nava, datada de São Paulo, 24 mar. 1982. PN 420/AMLB/FCRB.

própria existência que ele mesmo decifra no espelho da ficção”. Pela descrição da missivista, ela foi arrebatada, capturada pelas descrições do memorialista e se identificou com as personagens que povoaram a imaginação de Nava (sejam reais ou imaginárias). Mesmo sendo uma obra memorialística, Nava não é só considerado como o “Proust brasileiro”, mas, pode ser visto em muitos momentos como um romancista, como dissera o escritor turco Orhan Pamuk (2011, p. 79), “romances são uma segunda vida”:

Como os sonhos de que fala o poeta Gérard de Nerval, romances revelam as cores e a complexidade da vida e estão repletos de pessoas, faces e objetos que julgamos reconhecer. Exatamente como nos sonhos, por vezes, durante a leitura de um romance, a extraordinária natureza das coisas ali descritas nos afeta de tal maneira que nos esquecemos de onde estamos, e nos vemos no meio das pessoas e dos acontecimentos imaginários que desfilam diante de nós. Nesses momentos, sentimos que o mundo ficcional que desfrutamos é mais real que o próprio mundo real.

Embora, o contato epistolar entre as leitoras, citadas na tabela abaixo, e Pedro Nava tenha por base a admiração pela obra memorialística do escritor, por isso, vislumbra-se que o que está implícito é um “pacto de verdade” quando o autor se propõe a estabelecer sua obra dentro desse gênero literário. O impacto que causa um relato autobiográfico deriva do entendimento do leitor de que ao menos uma parte da narrativa é verdadeira, ou de que realmente aconteceu. O leitor quer distinguir entre identidade narrada e identidade histórica e encara o texto de outra forma ao achar que o que lê trata-se do acontecido, do autor-narrador (KLÜGER, 2009, p.21-30).

Nas cartas de Nédier – uma das missivistas e confidentes mais contumazes, cujas cartas se assemelham a uma confissão auricular – os livros de memórias são tratados como narrações verídicas, como relatos do verdadeiramente acontecido, como por exemplo, nessa frase: “O meu peito às vezes dói de saudade destes tempos que eu não vivi, que você nos deu desta forma gostosa, mesmo, afetiva, que a gente lê e pensa – É mesmo, foi bem assim....”³ Ou, quando vislumbra na obra de Nava, como uma “porta” para o mundo desejado pela missivista.

Quando descobri Marcel Proust há uns 5 anos, foi realmente uma descoberta interior que me sensibilizou. Uma outra terra, um outro povo, costumes, outra época e eu mesma dissecando cada sensação. As frases mais belas e sonoras ficavam pulsando dias dentro de mim. Já Pedro Nava é uma porta

³ Carta de Nédier Brusamolín Müller para Pedro Nava, datada de Roseira, 26 out. 1980. PN 634/AMLB/FCRB.

que eu abro e entro ... um casarão, uma rua, uma cidade ... abro e entro. Cheiros, sons, uma saudade ... abro e entro. Uma lembrança, uma dor fininha no peito, uma alegria borbulhando ... abro e entro. Não sei se dá para entender, Pedro Nava não é um livro que eu leio é uma porta que eu abro, é um lugar onde eu fico. É assim que espero o Galo das Trevas, não como se espera a cortina se erguer, a flor se abrir, ou a criança nascer, nada que eu espere apenas ver, ler ou assistir, mas como a porta por onde eu pretendo entrar e que me levará a um mundo que eu vou viver.⁴

Neste excerto, o roteiro proustiano converge para descrição dos saberes e odores de Alain Corbin, em que o indivíduo identifica nos cheiros, cores e sons episódios de sua vida, os lugares da sua cidade, os cheiros da sua infância. Memória é verdade e não ficção para o leitor, elas são lidas como se fossem diários íntimos publicados pelo próprio autor, portanto dá a quem lê a sensação de pleno conhecimento do caráter e da personalidade da personagem principal do livro. Nas cartas vemos este sentimento expresso muitas vezes, como se a leitora soubesse dos íntimos pensamentos de seu autor-ídolo através de seus livros: “Estou apaixonada pelos seus livros, pela sua pessoa, pelos seus pensamentos, sentimentos”.⁵

Ou,

Conheço tanto o senhor pela televisão, revistas e o seu interior pelos seus escritos que estou mandando uma fotografia para o senhor saber como sou e poder me visualizar quando ler minha carta.⁶

Por vezes durante a leitura podem até desconfiar que aquilo não aconteceu realmente como foi narrado, mas acreditamos que esta *desconfiança* é soterrada por uma espécie de verdade da ficção, conforme apontou Klüger (2009, p.26). Esta autora, ao comentar o livro de Amós Oz sob o título *A Tale of Love and Darkness* (De amor e trevas), ressaltou que: “E, de fato, há trechos nos livros em que eu não me importo se o fato aconteceu com ele ou se foi inventado, porque transmite uma verdade mais profunda de um jeito ou de outro, e essa é provavelmente a verdade da ficção”.

A obra memorialística de Nava serviu também, como um elo para que muitas leitoras revivessem suas próprias histórias através da narrativa naviana. Como por exemplo:

Estou escrevendo para agradecer por tudo que tenho aprendido, melhorado e crescido depois que o conheci. Também pelos momentos de lazer, risos,

⁴ Carta de Nédier Brusamolín Müller para Pedro Nava, datada de Curitiba, 5 mai. 1981. PN 634/AMLB/FCRB.

⁵ Carta de Maria Alice do Amaral, datada de São Paulo, 3 abr. 1984. PN 33/AMLB/FCRB.

⁶ Id.

lembranças da minha infância que os seus livros fizeram vir à tona.⁷

Ou, ainda:

O que fica mais nítido, deste envolvimento com seu livro, é que todos nós temos nossos Baús. Você me fez abrir o meu e embora eu esteja quarenta anos menos que você, encontro ponto de unidade nas suas visões. No tempo, eu também consigo recuar no tempo de minha mãe, de meus avós e sou, daqui de casa, a que mais ama guardar imagens-lembranças; sou o arquivozinho que guarda com amor o que os outros fazem questão de esquecer.

Seu livro, por conter tanto de mim, me estremeceu, me alegrou, me entristeceu, me alegrou de novo, viveu comigo. (...) Seu Baú soa em mim.⁸

O que os livros de memórias talvez despertem nos seus leitores/leitoras é uma espécie de identificação por meio das narrativas ou da voz de outros. Convém ressaltar que “o tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar” (CHAUI, 1987, p. xxx). No caso em estudo, quem deu a partida para a ligação dos fios de Ariadne foram os livros de memórias de Nava que trouxeram à tona aspectos vividos ou não, como apresentou a leitora Fátima na citação acima, como o mote “Você me fez abrir o meu (baú)”, que é a metáfora do lugar onde se guardam objetos pessoais: documentos, cartas, fotografias, lembranças de viagens, objetos de devoção, recordações familiares, enfim, os símbolos dos afetos.

Os suportes das cartas dizem muito sobre suas remetentes e o seu universo sócio-cultural. No conjunto epistolar estudado se encontra papéis com inscrições e desenhos, com motivos infantis e juvenis, florais, desenhos a lápis como de um aprendiz de escola de artes, as cartas escritas à mão com letras arredondadas bem ao estilo dos “cadernos de caligrafia” do século XX ou datilografadas (escritas nas máquinas de escrever), o que ajuda a desvelar o universo dessas correspondentes contumazes que é muito diferente da forma de se comunicar dos correspondentes-homens, como artistas, intelectuais, burocratas, jornalistas, escritores, entre outros. Outra característica a ser ressaltada é a preocupação das leitoras em mandar fotografias, relatos memorialísticos, genealogias, receitas, entre outros, como por exemplo, a Senhora Irene Gil depois de iniciar uma troca epistolar, escreveu: “Esqueci de contar na

⁷ Carta de Maria Alice do Amaral. São Paulo, 3 de abr. de 1984. PN 33/AMLB/FCRB.

⁸ Carta de Fátima de Brito, datada de Natal, 12 ago. 1980. PN 140/AMLB/FCRB.

primeira carta que sei fazer aqui a carne assada com batatas do seu tempo de estudante exatamente igual; um pequeno segredo para d. Nieta, o molho não deve levar tomates, e o fogo sempre lento, onde estarão os fogões de antigamente?”.⁹

Segundo Goulemot (2001, p.108), ler é dar um sentido de conjunto, e não é encontrar o sentido desejado pelo autor. Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido. As cartas dessas missivistas-leitoras mostram, muitas vezes, aspectos das suas histórias pessoais cujas narrativas tem características diferentes da geração de Pedro Nava, como pode ser percebida nas cartas de Nédier, Fátima, Ruth Maria, entre outras. Mesmo vivendo em outras cidades e estados e numa outra época, as leitoras de Nava deram um sentido aos seus escritos, sempre tendo como referência as suas vivências, que na construção de sua relação de identificação com o memorialista os deixou muito próximos. Essas leitoras enxergaram na vida de Nava um pouco das suas vidas, o que, de acordo com Gagnebin (2009, p.139), é exatamente o que dá dignidade ao relato autobiográfico:

O eu particular pode falar de si mesmo porque recolhe dentro de sua história a dimensão de uma experiência que ultrapassa sua mera individualidade. Sua história só se torna digna de relato quando perde seu caráter exclusivamente privado e se transforma no relato de um passado que não lhe pertence em particular, mais do que também pertence aos outros.

O que permitiu mostrar que estas leitoras fizeram uma *leitura autobiográfica* das obras de Nava.

À guisa de conclusão, algumas considerações são cabíveis, como: quando escrevemos ou estudamos sobre as cartas, no afã de relatar um pouco do que foi escrito, não usamos a expressão: *está escrito* e sim as expressões que se referem à oralidade como: *fulana disse que...* Quando da leitura das epístolas, a impressão que se tem é que se está ouvindo um diálogo, que, apesar de ser escrito por uma única pessoa, o outro está todo o tempo implícito e explícito nas orações. E o leitor desta carta somos nós, como se fôssemos também um pouco deste autor-destinatário.

Neste jogo de quebra-cabeças é que seguimos montando esses diálogos epistolares, sempre procurando preencher algumas lacunas, deixando outras em aberto, construindo uma história composta de várias histórias contadas em cartas.

⁹ Carta de Irene Gil para Pedro Nava, datada de Florianópolis, 6 jun. 1983. PN 415/AMLB/FCRB

Remetente	Local	Período	Número de cartas	Localização no arquivo
ALMEIDA, Olintinha Pinheiro de	São Paulo, SP	16 maio 1978 e 2 fev. 1979	2	PN 27
AMARAL, Maria Alice do	São Paulo, SP	3 abril 1984	1	PN 33
BRITO, Fátima de	Natal, RN	12 agos. 1983 e 9 jan. 1984	2	PN 140
GIL, Irene	Florianópolis, SC	10 mar. 1982 e 6 jun. 1983	2	PN 415
GOMES, Isabela Gama Magalhães	São Paulo, SP	24 maio 1982	1	PN 420
MACHADO, Ruth Maria	São José e Florianópolis, SC	15 jan. 1979 a 8 out. 1981	7	PN 548
MULLER, Nédier Brusamolin	Curitiba e Roseira, PR	13 out. 1978 a 5 jun. 1983	13	PN 634

Fonte: compilação feita a partir do arquivo de Pedro Nava. *In*: Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Fundação Casa de Rui Barbosa.

Referências

CHARTIER, Roger. *Inscrição & Apagar: cultura escrita e literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Apresentação: Os trabalhos da memória. *In*: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1987. p. xxvii-xxxii.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Entre moi et moi-même. Entre eu e eu-mesmo, Paul Ricouer. *In*: GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY, Adriana; IZARRA, Laura Zuntini (Orgs.). *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: FFLCH/Annablume/FAPESP, 2009. p. 133-139.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentido. *In*: CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 107-116.

KAUFMANN, Vincent. *L'équivoque épistolaire*. Paris: Edition Minuit, 1990.

KLÜGER, Ruth. Verdade, mentira e ficção em autobiografias e romances autobiográficos. *In*: GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY, Adriana; IZARRA, Laura Zuntini (Orgs.). *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: FFLCH/Annablume/FAPESP, 2009. p. 21-30.

PAMUK, Orhan. O que nos passa pela cabeça quando lemos romances. In: Serrote. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 8, jul. 2011. p. 79-95.

PIOVESAN, Greyce Kely. *Prezado Doutor, Querido Amigo, Caro Memorialista: A sociabilidade intelectual nas cartas de Pedro Nava*. Florianópolis: UFSC/PPGH, 2009. (Dissertação de Mestrado em História).

TREBITSCH, Michel. Correspondances d'intellectuels. Les cas des lettres d'Henri Lefebvre à Norbert Guterman. In: RACINE, Nicole; TREBITSCH, Michel (Orgs.). *Les Cahiers de L'IHTP*, n.20: Sociabilités intellectuels: lieux, milieux, réseaux. Paris: IHPT-CNRS, mars 1992.

VASCONCELLOS, Eliane (Org.). *Inventário do Arquivo Pedro Nava*. Rio de Janeiro: Edições Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

VENÂNCIO, Giselle Martins. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGHIS, 2003. (Tese de Doutorado em História Social).

VIANNA, Aurélio; LISSOVSKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes. A vontade de guardar: lógica e acumulação em arquivos privados. In: *Arquivo e Administração*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, 1986.